



NEWS LETTER

dezembro'14



ÍNDICE

02

Carta aos sócios

04

Nós por cá

ApemNews Mais um ano

Revista 139

Cantar mais – balanço do trimestre

Movimento associativo

08

De olhos postos

Novo disco do Coro dos Pequenos Cantores de Esposende

Novo disco da Orquestra Orff do Porto

10

Perguntamos a:

Eduardo Lopes

12

Feito e dito

“Como se faz uma Canção?”

por Margarida Fonseca Santos

13

O que já se escreveu

“Fundamentos da Improvisação Musical

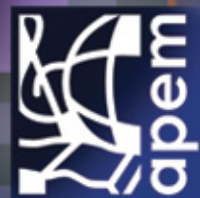
Síntese de experiências” de Violeta Hemsy de Gainza.

15

Ações de Formação

16

Última



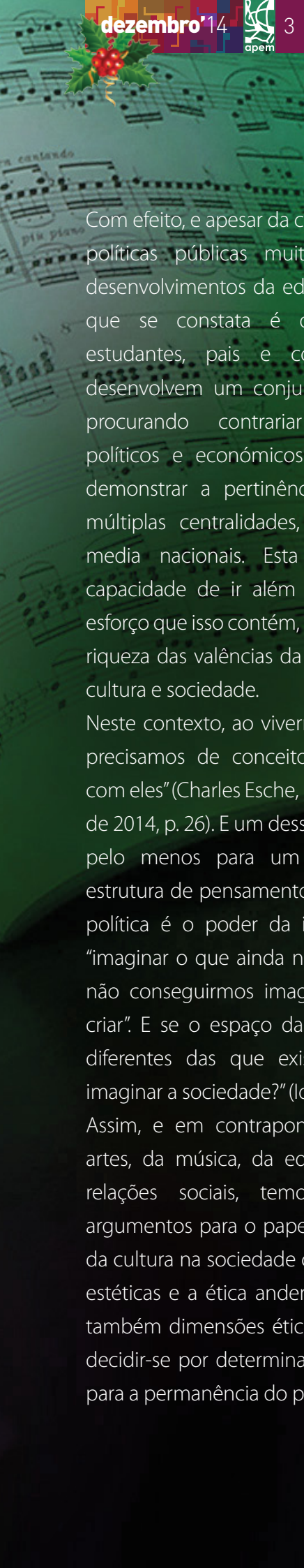
Carta aos SÓCIOS

Sem muros à volta da imaginação: a música, a educação, a cultura e a sociedade

Os tempos em que as artes, a educação, a cultura e a sociedade vivem são tempos de grandes “desconfortos” em que a hegemonia de determinados modelos políticos, económicos e, fundamentalmente, de estruturas de pensamento parecem aniquilar tudo o que esteja para além do “possível”. Por outro lado, vivemos tempos de transições diferenciadas relativamente aos modos como se pensam a educação e a cultura, a relação entre as artes e a sociedade, como se pensam os modos de organizar o trabalho bem como os profissionais desenvolvem a sua ação e as relações que estabelecem com outros setores sociais, culturais artísticos, comunitários, intergeracionais.

Dentro destas transformações assiste-se a um desmoronamento do papel do Estado Nação tal como o conhecíamos, com as consequências a nível dos vários tipos de empobrecimentos da democracia, da sociedade e das pessoas onde estas, em particular, parecem estar cada vez mais afastadas das tomadas de decisão em relação à sua vida na polis, em detrimento de outros poderes “aparentemente sem rosto”. Como refere o filósofo Slavoj Žižek “temos liberdade individual, mas a organização das nossas sociedades está cada vez mais fora do nosso alcance” (Público, 7 de dezembro de 2014).

Contudo, e apesar de paradoxal, vive-se também num tempo em que o tempo pede muito mais do que o possível, em que, para utilizar as palavras do filósofo, “é preciso adotar por uma atitude utópica realista. Uma série de coisas exigem mudanças radicais [...]” (Idem).



Com efeito, e apesar da continuidade de um tipo de políticas públicas muito pouco favoráveis aos desenvolvimentos da educação artístico-musical, o que se constata é que escolas, professores, estudantes, pais e comunidades, associações, desenvolvem um conjunto de notáveis trabalhos procurando contrariar os constrangimentos políticos e económicos existentes, e, sobretudo, demonstrar a pertinência de um trabalho com múltiplas centralidades, apesar da ausência nos media nacionais. Esta não acomodação, esta capacidade de ir além do possível, com todo o esforço que isso contém, são bem representativas da riqueza das valências da relação música, educação, cultura e sociedade.

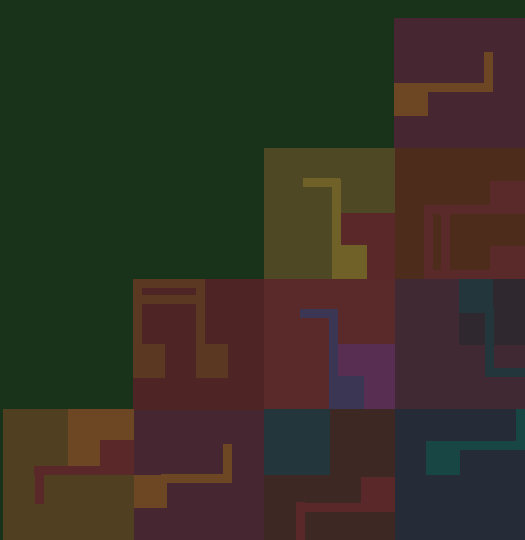
Neste contexto, ao vivermos “tempos assustadores, precisamos de conceitos assustadores para lidar com eles” (Charles Esche, Público de 22 de dezembro de 2014, p. 26). E um desses “conceitos assustadores”, pelo menos para um determinado modelo e estrutura de pensamento e de organização social e política é o poder da imaginação. Em particular “imaginar o que ainda não existe” uma vez que “se não conseguirmos imaginar, será muito difícil de criar”. E se o espaço da arte “é já imaginar coisas diferentes das que existem, então porque não imaginar a sociedade?” (Idem: 26-27).

Assim, e em contraponto à mercadorização das artes, da música, da educação, da cultura e das relações sociais, temos de encontrar novos argumentos para o papel das artes, da educação e da cultura na sociedade contemporânea em que as estéticas e a ética andem a par, uma vez que são também dimensões éticas que estão presentes ao decidir-se por determinado modelo que contribua para a permanência do possível.

Deste modo, e apesar das implicações diversificadas que contém, parece ser pertinente olhar-se para a “ideia da arte como ferramenta” que “transmite bem a capacidade da arte em assumir um papel funcional dentro das estruturas de pensamento. E isto implicará determinadas características: uma arte útil terá uma relação real com o mundo, não será apenas simbólica, fará propostas reais para mudanças reais do mundo real, satisfará uma necessidade ou produzirá um resultado com efeitos fora das instituições da arte” (Idem: 27).

Ora, para que toda a dinâmica que acima referi não esmoreça e para as reconfigurações que se tornam cada vez mais urgentes, e se seguirmos o poeta Manoel de Barros que escreve “tudo o que não invento é falso”, então, como votos de um Bom Ano, talvez não fosse má ideia, continuar a ter em atenção as palavras de um outro poeta: “Rapaz, acaba-me lá com essa ladainha do possível. Fala-me do impossível [...] Vê se olhas a vida, de uma vez para sempre, sem muros à volta da imaginação” (Miguel Torga, Diário XVI).

António Ângelo Vasconcelos



Nós, por cá

APEMNewsletter – Mais um ano! A APEMNewsletter faz 2 anos!

É verdade. A Direção da APEM iniciou em dezembro de 2012 a edição e publicação da Newsletter e este mês chegámos à 21ª Newsletter.

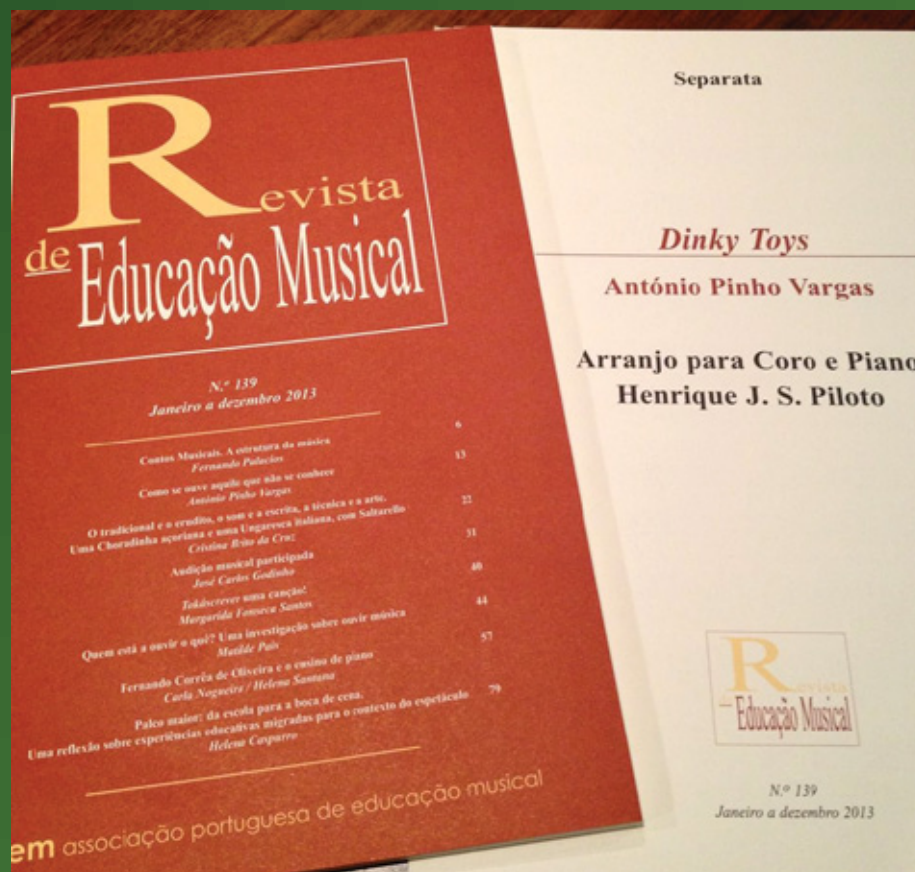
Todas as edições disponíveis em:

 <http://www.apem.org.pt/newsletter/index.html>
para ler, reler, pesquisar, analisar, criticar e enviar sugestões, propostas, novidades, ideias e projetos para partilhar. O conhecimento, a imaginação e a criatividade não têm limites.

Obrigado a todos os que já colaboraram.



Revista de Educação Musical nº 139



Este número da Revista de Educação Musical, à semelhança do número anterior e por questões de natureza financeira, abrange todo o ano de 2013 e inscreve-se num momento de transição editorial. Inclui não só artigos do Encontro Nacional da APEM 2013, que teve como temática "Ouvir, interpretar, criar: pedagogia da audição", como também um conjunto de três estudos, para além das rubricas habituais: revisão, notícias, associação e associativismo e separata.

Os primeiros dois artigos são as transcrições das conferências de Fernando Palacios e António Pinho Vargas. No primeiro caso, Palacios aborda a temática "Contos musicais: as estruturas da música através da narração", em que descreve e problematiza os contos musicais no quadro de uma formação abrangente das crianças e dos jovens e onde defende que os contos musicais "constituem um repertório não só de iniciação à audição de obras complexas, como são, também, formas musicais em si mesmas, capazes de despertar todo o tipo de emoções". Por sua vez António Pinho Vargas, partindo da interrogação "Como se ouve aquilo que não se conhece?" apresenta uma reflexão em que problematiza algumas das dimensões relacionadas com receção musical na sociedade contemporânea em particular a questão da "não familiaridade com o objeto artístico em questão em contraste com a extrema familiaridade com as peças do repertório canónico".

Os três artigos seguintes constituem a reflexão escrita dos workshops realizados no Encontro Nacional 2013 centrados na temática da audição. Cristina Brito da Cruz no texto intitulado “O tradicional e o erudito, o som e a escrita, a técnica e arte: uma Choradinha açoriana e uma Ungaresca italiana, com Saltarello”, defende o princípio de por em prática “repertórios sem recurso a suporte escrito, seguindo modelos, repetindo, com recurso à(s) voz(es) e ao movimento, partindo da audição e da memória, ouvindo/seguindo outros, montando as pequenas peças a aprender a partir da suas características técnicas, da sua forma, da sua estrutura, cada um apoiando-se no grupo e, em conjunto, conseguindo executá-los “de cor”. Por sua vez, José Carlos Godinho em “Audição musical participada” centra-se “na convicção de que as memórias musicais são mais do que os vestígios auditivos deixados no cérebro [...] essas memórias, mesmo que transformadas em organizados esquemas mentais de classificação sonora, tendem a integrar as informações multissensoriais e motoras recolhidas nos contextos musicais percecionados, bem como as emoções sentidas com a música”. Por último, Margarida Fonseca Santos em “Tokáescrever uma canção!” salienta que “a construção de canções é uma das estratégias mais completas para aprofundar o conhecimento musical (e o funcionamento da língua) ao nosso alcance” permitindo “edificar noções de ritmo, melodia, acentuação e harmonia”, assim como “gerir emoções, partilhar ideias e trabalhar em grupo”.

Na rubrica Estudos são apresentados três trabalhos. O artigo de Matilde Pais “aborda a experiência auditiva individual do compositor-intérprete e dos ouvintes [...] com o objetivo de identificar” se existem “momentos semelhantes e relevantes, tanto para o compositor como para os ouvintes” e “como é que esses momentos são interpretados”. Carla Nogueira e Helena Santana descrevem “o método da posição estática” de Fernando Corrêa de Oliveira que “pretendia criar um modelo de ensino de piano para

principiantes que contemplasse uma educação atonal e que, ao mesmo tempo, levasse o aluno a conseguir ler a partitura desde a primeira lição”. O artigo de Helena Caspurro desenvolve a “ideia de que o público pode ser um ator ou interventor da experiência performativa, geralmente confinada ao palco dos artistas”, podendo “concorrer para a construção de uma experiência única e irrepetível”.

No que se refere à rubrica Recensão, Ildaete Giga dá-nos a conhecer o livro *Histórias da Música em Portugal* de Mário João Alves com ilustração de Madalena Matoso. As Notícias dão relevo ao Encontro da APEM 2013, ao ENIM 2013 (III Encontro Nacional de Investigação em Música) e ao III Simpósio sobre os Paradigmas do Ensino do Instrumento Musical no Século XXI. No âmbito da rubrica Associação e Associativismo, apresenta-se (a) o relatório de atividades da associação em que descreve a intensa e diversificada atividade que se desenvolveu ao longo do ano, (b) os novos associados da APEM e (c) as novas obras que deram entrada no Centro de Documentação. Na Separata publicamos o arranjo para coro da peça *Dinky Toys* de António Pinho Vargas, inicialmente pensada para piano e publicada na Separata da APEM em 1996. Esta adaptação para coro foi realizada por Henrique J. S. Piloto.

A Direção da APEM, agradece a todos os autores que contribuíram para a concretização de mais este número e renova o convite para que os associados e investigadores com ela colaborem, enviando trabalhos de pesquisa realizados, bem como descrição e análise projetos educativos no âmbito da educação e da formação artístico-musical, de modo a que esta Revista, única no panorama português, continue como um ponto de encontro de reflexão, de patilha e de conhecimento sobre do ensino da música, nas suas múltiplas faces e problemáticas, em termos nacionais e internacionais, dando visibilidade ao trabalho realizado.

Leituras a não perder!



Projeto Cantar Mais

A APEM tem continuado a desenvolver o Projeto Cantar Mais que, recordamos aqui, visa a criação de uma plataforma digital com recursos musicais e pedagógicos diferenciados, à disposição de educadores e professores do ensino básico, de modo a serem utilizados no quadro do ensino artístico-musical na educação pré-escolar e no ensino básico. Este Projeto tem como objetivos principais (1) a promoção do ensino da música através do cantar, (2) o enriquecimento das experiências artístico-musicais das crianças e jovens, (3) a promoção da língua portuguesa e (4) a disponibilização de múltiplos materiais pedagógicos para educadores e professores.

As principais linhas de ação das dimensões do Projeto que se têm vindo a desenvolver são as seguintes:

- a criação de conteúdos
- a conceção da plataforma digital
- o alargamento e constituição de novas parcerias
- promoção e difusão do Projeto

Estão a ser calendarizadas a continuação das gravações das vozes das crianças que contam com a colaboração das seguintes instituições e respetivos professores maestros e maestrinas dos coros infantis:

- Conservatório de Música de Castelo Branco
- Escola de Música de Esposende
- Conservatório de Música de Coimbra
- Escola de Música Nossa Senhora do Cabo
- Escola de Música do Conservatório Nacional
- Instituto Gregoriano de Lisboa
- Academia de Música de Santa Cecília
- Musicentro – Escola dos Salesianos do Estoril
- Conservatório de Música de Setúbal



Movimento Associativo

Acabámos de editar e enviar mais uma Revista de Educação Musical, a Revista 139.

Lembramos que este trabalho e todas as outras atividades que temos vindo a desenvolver resultam da colaboração de muitos sócios.

Para a continuação do desenvolvimento e expansão do trabalho da APEM necessitamos que todos os sócios regularizem as suas quotas.

Se ainda não o fez, agradecemos que nos contacte para o efeito.

Estamos disponíveis para todos os esclarecimentos.

Congratulamo-nos com a entrada 16 novos sócios.

De olhos postos

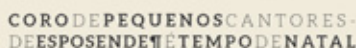
No Coro dos Pequenos Cantores de Esposende dirigido por Helena Venda Lima e no novo CD “É tempo de Natal” com obras de Osvaldo Fernandes, Paulo Bastos, Fernando Lopes-Graça, Croner de Vasconcelos e Frederico de Freitas.

É TEMPO DE NATAL

por Elisa Lessa

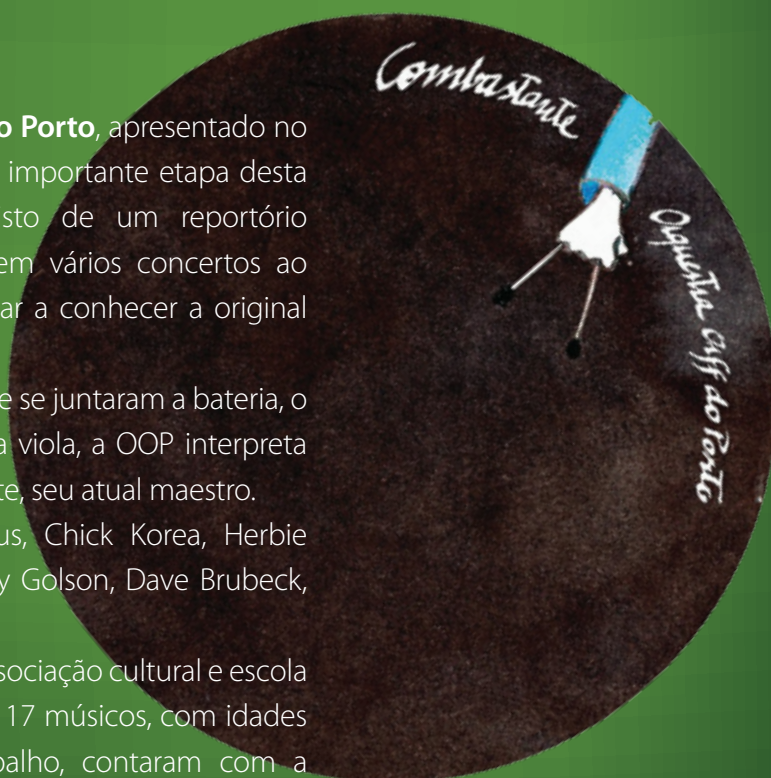
Estamos perante o segundo trabalho do Coro de Pequenos Cantores de Esposende, exemplarmente dirigido por Helena Venda Lima. Dando continuidade a um projeto inovador e de qualidade, identificam-se como marcas de identidade a importância do canto coral no desenvolvimento humano; o canto como postulado para uma sociedade que se pretende mais homogênea; a certeza que através do canto chegamos a níveis de compreensão e fruição musical profundos.





OSVALDO FERNANDES | PAULO BASTOS | FERNANDO LOPES-GRAÇA | CRONER DE VASCONCELOS
FREDERICO FREITAS | DIREÇÃO E VENDAS

<https://www.youtube.com/user/OrquestraOrffPorto>



Perguntámos a...

Eduardo Lopes, professor do departamento de música da Universidade de Évora com uma atividade significativa como músico de estúdio (com vários Cds editados), atua regularmente com as mais variadas formações musicais nacionais e estrangeiras e é autor de vários trabalhos sobre a problemática da interpretação musical, teoria da música e ritmo.

O que mais destaca em termos do Jazz em Portugal?

Considerando que o Jazz é uma estética musical de origem Norte-Americana e que se desenvolveu no chamado “Século da América”, não é de admirar que este tenha chegado rapidamente aos quatro cantos do mundo. Esporadicamente, na primeira metade do séc. XX, o Jazz também surgia em Portugal em vários contextos: desde ocasionais grupos americanos que a caminho da Europa do norte faziam paragem nos Açores e Lisboa realizando um ou outro concerto, bem como grupos nacionais (de música de cariz de entretenimento e até filarmónica) que expostos a esta nova estética, a incorporavam nas suas apresentações. À medida que os anos foram passando, apareciam focos de músicos de Jazz com atividade regular e com alguma exposição mediática através de alguns festivais de Jazz e momentos na comunicação social. Na década de 90, numa conjuntura económico-social favorável, observou-se uma propagação de festivais de Jazz por todo o país, tendo alguns destes como cabeças de cartaz dos melhores músicos internacionais. Toda esta atividade resultou num aumento do número de músicos de Jazz portugueses, bem como despertou uma maior vontade pelo estudo formal de Jazz; com alguns músicos a irem estudar para EUA (como “terra do Jazz”) e mais tarde para países do norte da Europa.



Todos estes fatores resultaram na abertura dos cursos superiores de Jazz em Portugal na primeira década do séc. XXI, respondendo assim a uma crescente procura da sociedade por uma formação superior em Jazz. Por outro lado, a valorização sócio cultural dada pela “aceitação” do Jazz no seio da academia, acabou também por aprovar e graduar definitivamente o Jazz como estética de reconhecido mérito e relevância em Portugal. Depois de um trajeto relativamente lento da afirmação do Jazz em Portugal (comparativamente a outros países europeus), sou da opinião que nos dias de hoje o Jazz está perfeitamente sedimentado a todos os níveis na cultura portuguesa (desde a formação à actividade artística), sendo praticado por professores e músicos portugueses de qualidade de nível mundial. Tendo então em consideração que todo o processo da efetiva chegada do Jazz à prática cultural portuguesa é relativamente recente, destaco então a significativa quantidade atual de músicos de Jazz portugueses de reconhecida grande qualidade internacional.

Como é que o Ensino de Jazz tem acomodado as diversas estéticas e transformações interpretativas e criativas?

Limitando a minha resposta ao panorama do ensino de Jazz em Portugal, teremos primeiro que considerar que o ensino formal do Jazz em Portugal tem cerca de 10 anos. A base de ensino de qualquer área de conhecimento terá que assentar em determinados pilares de sistematização; ou seja, terá que existir sempre um processo de aprendizagem de bases que servem para a continuação e disseminação do conhecimento, bem como para o eventual progresso dessa área. Assim, penso que o ensino de Jazz em Portugal está ainda a sistematizar os métodos que melhor se aplicam à realidade nacional, de forma a que os alunos ao fim de 3 anos de estudo superior adquiram os conhecimentos e ferramentas basilares de domínio técnico e criatividade para fazerem Jazz. Acredito que num futuro próximo e com uma maior integração do Jazz nos conservatórios e academias de música, o seu ensino dará um outro passo, podendo num período de ensino mais alargado, acomodar de uma forma não menos exigente outras expressões musicais (mais ou menos) jazzísticas.

Apesar dos desenvolvimentos em termos em termos nacionais deste tipo de prática artístico-musical, quais os principais constrangimentos e desafios em relação ao exercício de atividade de músico de Jazz e em relação ao seu ensino?

Ao momento deste texto, Portugal atravessa uma das maiores crises económicas da sua história com graves consequências para toda a sociedade. A ironia desta crise é que surge no momento em que os portugueses atingem reconhecidamente altos níveis no que respeita à qualidade de formação e profissionalismo. Conforme referi anteriormente, nunca a quantidade e qualidade das actividades ligadas ao Jazz foi tão elevada em Portugal, sendo comparável ao que de melhor se faz fora de portas. Assim, e tal como para um qualquer outro português, o professor/estudante/músico de Jazz terá que de alguma forma sobreviver a estes tempos, para que possa num futuro que se deseja muito breve, realizar de uma forma digna e justa a música (e arte) que tão bem sabe fazer.



Feito e dito



O que ficou dito de mais positivo sobre a ação de Formação **“Como se faz uma Canção?”** por Margarida Fonseca Santos realizada nos dias 11, 25 de outubro e 8 de novembro no Museu das Comunicações em Lisboa:

- O conteúdo do curso
- A diversificação das atividades realizadas e dos conteúdos abordados
- Objetividade da formadora
- O trabalho prático desenvolvido
- Impacto na melhoria das aprendizagens dos alunos
- Treino auditivo
- Explorar o desconhecido, sair da zona de conforto sem se sentir mal
- O estímulo permanente à criatividade individual e coletiva
- Contribuiu para a quebra da barreira do desconhecido



O que já se esqueceu



**Violeta Hemsy
de Gainza**

O artigo "Fundamentos da improvisação musical – Síntese de experiências" de Violeta Hemsy de Gainza (n.1929) que revisitámos, foi apresentado pela primeira vez no Seminário Internacional de Investigação em Pedagogia Musical da ISME em 1974 na Nova Zelândia e publicado no Boletim da APEM n.º 67 de em 1990.

O que é a improvisação, Avaliação da improvisação, Fisiologia das estruturas musicais. Relação entre o absorvido e o expresso e Improvisação e Educação são as quatro grandes entradas deste artigo que procura sistematizar conceitos, elementos, níveis e princípios subjacentes à improvisação.

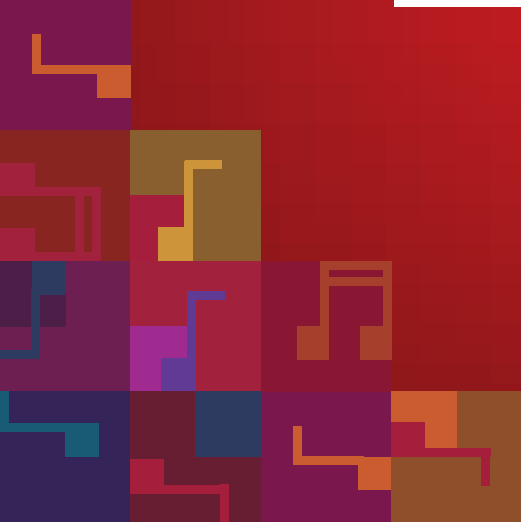
Destacamos deste artigo a improvisação integrada nos processos de educação e a preocupação da autora na explicitação das várias etapas de desenvolvimento musical do ser humano num paralelo com o desenvolvimento da linguagem e com o desenvolvimento psicológico e social das crianças aos adultos *“para concluir que a prática da improvisação musical, ao mesmo tempo que constitui uma importante fonte de descarga expressiva, dá cor e torna mais ameno o estudo da música, já que a criança, o jovem ou o adulto que sabem brincar ou improvisar, mostraram sempre, perante a interpretação das obras da literatura musical uma atitude muito mais madura e criativa”*.

Para ler o artigo:

<http://www.apem.org.pt/page14/downloads/index.html>

Fundamentos da improvisação musical - Síntese de experiências
Gainza, Violeta Hensy (1990). Fundamentos da improvisação musical.
Boletim da APEM n.º 67 Outubro/Dezembro 1990, pp.13 - 16

Para os mais interessados deixamos também aqui o link para a página oficial de Violeta Hensy de Gainza para explorar e saber mais.
<http://www.violetadegainza.com.ar/>



Acções

Agenda janeiro

dé formação

Não se esqueça e faça já a sua inscrição!

A começar no dia 5 (18h-20h30)

Lisboa, Museu das Comunicações

**Expressão e Educação Musical no Pré-escolar e no 1º ciclo:
como ensinar e porquê**

CCPFC/ACC-78209/14 - 25h - (1 u.c)

por **Cristina Brito da Cruz e Manuela Encarnação**

Destinatários: Professores Educação de Infância e professores 1º Ciclo do EB (GR 100 e 110)

A começar no dia 10 (14h - 19h)

Maia, Câmara Municipal

**A Música, o Corpo e o Movimento: artes performativas
e práticas artísticas nos primeiros anos de escolaridade**

CCPFC/ACC-78735/14 - 25h (1 u.c)

por **Bruno Cochat e Manuela Encarnação**

Destinatários: Professores Educação de Infância e professores 1º ciclo (GR 100 e 110)

A começar no dia 24 (10h - 18h)

Santa Maria da Feira, Academia de Música de Santa Maria da Feira

A Flauta de Bisel no Ensino Básico: novas abordagens

CCPFC/ACC-73014/13 - 25h (1 u.c)

por **Dulce Marçal**

Destinatários: Professores de Educação Musical/ Música (GR 250/610)

A começar no dia 31 (9h - 14h)

Porto, Conservatório de Música do Porto

O Projeto em Música - uma prática colaborativa e transformadora

Oficina de Formação

CCPFC/DC-5008/14 - 50 h - 25h presenciais e 25h t. autónomo (2 u.c)

por **Graça Mota**

Destinatários: Professores de educação musical/ música (GR 250/ GR610/M28 e M32)

A Direção da APEM
deseja a todos
um **Bom Ano Novo!**



Associação Portuguesa de Educação Musical

Rua D. Francisco Manuel de Melo, 36, 1º Dto. 1070-087 LISBOA

de 2ª a 6ª feira
das 10h às 12.30h e das 14h às 17.30h
Tel. e Fax **213 868 101**
Tm. **917 592 504 / 960 387 244**
apem.educacaomusical@gmail.com

Ficha Técnica

Conceção e edição: **Direção da APEM**

Conceção gráfica: **Henrique Nande** <http://storyllustra.blogspot.pt>

Colaboram neste número:

António Ângelo Vasconcelos, Ana Venade, Carlos Gomes, Manuela Encarnação, Henrique Piloto, Eduardo Lopes e Elisa Lessa

Contacto: **apem.news@gmail.com**